

*Grupo de Teatro Colméia D'Arte*



*Apresenta*

*Morte e Vida  
Seherina*

*De João Cabral de Melo e Neto*



*Direção: Cicero Ferreira*

## TEXTO 1

SEGUNDO DADOS DO CENSO DE 1.980, MAIS DE 21% DA POPULAÇÃO DE NINHOESTINGOS MIGRARAM PARA O SUL.

NO CEARÁ, MIGRARAM 18% DA POPULAÇÃO.

NO SERGIPE 23%.

DA BAHIA 17%.

OS DADOS DO CENSO DE 1.990, AINDA NÃO ESTÃO DISPONÍVEIS À PESQUISA.

SECA, FOME, MISÉRIA E CORAGEM OS LEVAM A COMER TUDO O QUE HÁ: TITAS HUMANAS, RATOS, RAÍZES. O QUE A TERRA DÁ OU EXISTE.

HÔMENS QUE DIERAM OS SEUS, SEUS QUE DIERAM SEUS HÔMENS.

FILHOS FICAM ÓRFÃOS, ÓRFÃOS DE PAIS VIVOS.

HÔMENS SEM TERRA, TERRA SEM ÁGUA, ÁGUA DE PCHUCCOS, PCHUCCOS RESISTEM.

AO CONTAR "MORTE E VIDA SEVERINA" QUEREMOS PRESTAR UMA HOMENAGEM A ESSE "HOMEM", QUE NA SUA LUTA, NÃO PERDE A ESPERANÇA. E QUE ACREDITA QUE UMA NOVA ERA, QUE UM NOVO E MELHOR TEMPO SURTIRÁ.

## MÚSICA I

### CARCARA

CARCARA LÁ NO SERTÃO  
É UM BICHO QUE AVOA QUE NEM AVIÃO  
É UM PÁSSARO MALVAO  
TEM O BICO VOLTADO QUE NEM GAVIÃO  
CARCARÁ...

QUANDO VÊ BONZA QUEIMADA  
SAI VOANDO CANTANIN, CARCARÁ  
CARCARÁ PEGA, MATA E COME  
CARCARÁ NÃO VÁ MORRER DE FOME  
CARCARÁ MAIS CORAGEM DO QUE HOMEM  
CARCARÁ...

QUANDO CHEGA O TEMPO DA INVERNADA  
NO SERTÃO NÃO TEM MAIS BONZA QUEIMADA  
MESMO ASSIM CARCARÁ NÃO PASSA FOME  
OS BURREGOS QUE NASCE NA BALADA  
CARCARÁ

VAI FAZER SUA CAÇADA

CARCARA

COME ATÉ COBRA QUEIMADA

CARCARA...

CARCARA É MALVAO É VALENTÃO

É A ÁGUA DE LÁ DO MEU SERTÃO

OS BURREGOS NOVINHOS NÃO PODE ANDAR

ELE PULA NO BICO ATÉ MATAR

CARCARA

PEGA, MATA E COME

CARCARA

NÃO VÁ MORRER DE FOME

CARCARA

MAIS CORAGEM DO QUE HOMEM

CARCARA...

CARCARA...

CARCARA...

PEGA! MATA E COME!

## TEXTO III

O SOL TUDO SECOU  
A ÁGUA DESAPARECEU  
MEU GADO DE FOME MORREU  
NÃO TEM MAIS A ASA BRANCA  
SÓ CARCARÁ AGOURANDO A PAISAGEM

PARCE ATÉ VISAGEM  
TANTA TERRA BESSACAIDA  
E O POVO MINGUANDO JUNTO COM A TERRA  
MEU DEUS NÃO TEM MAIS JEITO ESPERA.

ESTRÓFA 1  
ESTRÓFA 2  
ESTRÓFA 3  
ESTRÓFA 4

ESTRÓFA 5  
ESTRÓFA 6  
ESTRÓFA 7  
ESTRÓFA 8

ESTRÓFA 9  
ESTRÓFA 10  
ESTRÓFA 11  
ESTRÓFA 12

## MÚSICA II

### SEVERINO: RETIRANTE

SOMOS MUITOS SEVERINOS  
DE UM LUGAR TÃO DISTANTE  
SOMOS ZÉS, SOMOS MANÉS,  
QUE PRECISAM IR ADIANTE  
SONHANDO COM UM FUTURO  
BEM MELHOR DO QUE AGORA,  
ONDE NÓS E OS Nossos FILHOS  
POSSAM TER UMA MELHORA

#### (REFRÃO)

POR UM FILHO NUMA ESCOLA  
ONDE POSSAM APRENDER  
QUE NA VIDINHA DA GENTE  
O IMPORTANTE É O SABER

NÓS NÃO SOMOS UMA ILHA  
PRA VIVER NA SOLIDÃO  
O HOMEM AO NUNCA LAIS  
É PAI, É FILHO, AMIGO, IRMÃO...

E POR ISSO VAMOS TORNOS  
ADIANTE, SEMPRE EM FRENTE  
QUE COM LUTA A GENTE PODE  
MUDAR A VIDA DA GENTE.

MÚSICA I (CANTARÁ)

TRATO I. — Severino de Maria

TRATO II. — Severino de Zacarias

MÚSICA II (SEVERINO RETIRANTE)

**O RETIRANTE RESPONDE AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI**

— O meu nome é Severino,  
não tenho outro de pia.  
Como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;  
como há muitos Severinos  
com mães chamadas Maria,  
fiquei sendo o da Maria  
do finado Zacarias.  
Mas isso ainda diz pouco:  
há muitos na freguesia,  
por causa de um coronel  
que se chamou Zacarias  
e que foi o mais antigo  
senhor desta sesmaria.  
Como então dizer quem fala  
ora a Vossas Senhorias?  
Vejamos: é o Severino  
da Maria do Zacarias,  
lá da serra da Costela,  
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:  
se se menos mais cinco havia  
com nome de Severino  
filhos de tantas Marias  
mulheres de outros tantos,  
já finados, Zacarias,  
vivendo na mesma terra  
magra e escura em que eu vivia.  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crecido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte;  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras

TEXTO II

Quando se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

Quando se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
algum roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

TEXTO III

ENCONTRA DOIS HOMENS CARREGANDO UM DEFUNTO  
NUMA REDE, AOS GRITOS DE: "O IRMÃO DAS ALMAS!  
IRMÃO DAS ALMAS! NÃO FUI EU QUE MATEI NÃO!"

- A quem estava carregando,  
irmão das almas,  
embrulhado nessa rede?  
dizei que eu saiba.
- A um defunto de nada,  
irmão das almas,  
que há muitas horas viaja  
à sua morada.
- E sabeis quem era ele,  
irmão das almas,  
sabeis como ele se chama  
ou se chamava?
- Severino Lavrador,  
irmão das almas,

### TEXTO III

SEMPRE PENSARÁ EM IR CAMINHAR DO MAR  
PARA OS RIOS E RIOS NASCER JÁ É CAMINHAR  
EU NÃO SEI O QUE OS RIOS TEM DE HOMEM DO MAR  
SEI QUE SENTE O MESMO E ERGENTE CHAMAR  
EU JÁ NASCI DESCENDO A SERRA QUE SE DIZ DO JACARARÁ  
ENTRE CARAIBEIRAS DE QUE SÓ SEI POR OUVIR FALAR  
OPIS TAMBÉM, COMO GENTE, NÃO CONSIGO ME LEMBRAR DESSAS  
PRIMEIRAS LÉGUAS, DO MEU CAMINHAR.

Uma vez que não sou marinheiro

uma praia levo.

— E tu marinha sem mar?

Trabalha das águas.

Uma vez que não sou marinheiro

se tu marinha?

— Ah, que não tu marinha,

trabalha das águas.

Uma vez que não sou marinheiro

uma praia levo.

— E a tua praia é o mar?

Trabalha das águas.

A que não tu que o mar não trabalha,

uma praia tu levo?

— Uma vez que não sou marinheiro

trabalha das águas.

Uma vez que não sou marinheiro

uma praia levo.

— E que tu que o mar não trabalha

trabalha das águas.

Uma vez que não sou marinheiro

uma praia levo?

— Ah, que não tu que,

trabalha das águas.

- Severino Lavrador,  
mas já não lava.
- E de onde que o estais trazendo,  
irmão das almas,  
onde foi que começou  
vossa jornada?
- Onde a Castiça é mais seca,  
irmão das almas,  
onde uma terra que não dá  
nem planta brava.
- E foi morrida essa morte,  
irmãos das almas,  
essa foi morte morrida  
ou foi matada?
- Até que não foi morrida,  
irmão das almas,  
esta foi morte matada,  
numa emboscada.
- E o que guardava a emboscada,  
irmão das almas,  
e com que foi que o mataram,  
com faca ou bala?
- Este foi morto de bala,  
irmão das almas,  
mais garantido é de bala,  
mais longe vara.
- E quem foi que o emboscou,  
irmãos das almas,  
quem contra ele soltou  
essa ave-bala?
- Ali é difícil dizer,  
irmão das almas,

sempre há uma bala voando  
desocupada.

- E o que havia ele feito,  
irmãos das almas,  
e o que havia ele feito  
contra a tal pássara?
- Ter uns hectares de terra,  
irmão das almas,  
de pedra e areia lavada  
que cultivava.
- Mas que roças que ele tinha,  
irmãos das almas,  
que podia ele plantar  
na pedra avara?
- Nos magros lábios de areia,  
irmão das almas,  
dos intervalos das pedras,  
plantaava palha.
- E era grande sua lavoura,  
irmãos das almas,  
lavoura de muitas covas,  
tão cobiçada?
- Tinha somente dez quadras,  
irmão das almas,  
todas nos ombros da serra,  
nenhuma várzea.
- Mas então por que o mataram,  
irmãos das almas,  
mas então por que o mataram  
com espingarda?

- Queris mais espalhar-se  
irmão das almas,  
queris voar mais livre  
essa ave-bala.
- E agora o que passará,  
irmãos das almas,  
o que é que acontecerá  
contra a espingarda?
- Mais campo tem para soltar,  
irmão das almas,  
tem mais onde fazer voar  
as filhas-bala.
- E onde o levais a enterrar,  
irmãos das almas,  
com a semente de chumbo  
que tem guardada?
- Ao cemitério de Torres,  
irmão das almas,  
que hoje se dá Toritama,  
de madrugada.
- E poderás ajudar,  
irmãos das almas?  
vou passar por Toritama,  
é minha estrada.
- Bem que poderás ajudar,  
irmão das almas,  
é irmão das almas quem ouve  
nessa chamada.
- E um de nós pode voltar,  
irmão das almas,  
pode voltar daqui mesmo  
para sua casa.

- Vou eu, que a viagem é longa,  
irmãos das almas,  
é muito longa a viagem  
e a serra é alta.
- Mais sorte tem o defunto,  
irmãos das almas,  
pois já não fará na volta  
a caminhada.
- Toritama não cai longa,  
irmão das almas,  
secamos no campo santo  
de madrugada.
- Partamos enquanto é noite,  
irmão das almas,  
que é o melhor tempo dos mortos  
noite fechada.

MÉDICA III

O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR PORQUE  
SEU GUIA, O RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO

- Antes de sair de casa  
aprendi a ladainha  
das vilas que vou passar  
na minha longa descida.  
Sei que há muitas vilas grandes,  
cidades que elas são ditas;  
sei que há simples arruados,  
sei que há vilas pequeninas,  
todas formando um rosário  
cujas contas fossem vilas,



todas formando um rosário  
de que a estrada fosse a linha.  
Devo rezar tal rosário  
até o mar onde termina,  
saltando de conta em conta,  
passando de vila em vila.  
Vejo agora: não é fácil  
seguir essa ladainha;  
entre uma conta e outra conta,  
entre uma e outra ave-maria,  
há certas paragens brancas,  
de planta e bicho vazias,  
vazias até de doras,  
e onde o pé se descaminha.  
Não desejo emaranhar  
o fio de minha linha  
nem que se enrede no pêlo  
hirsuto desta castiça.  
Pensei que seguindo o rio  
eu jamais me perderia:  
ele é o caminho mais certo,  
de todos o melhor guia.  
Mas como segui-lo agora  
que interrompe a óscida?  
Vejo que o Capibaribe,  
como os rios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina  
e no verão também corta,  
com pernas que não caminham.  
Tenho de saber agora  
qual a verdadeira via

entre essas que escancaradas  
frente a mim se multiplicam.  
Mas não vejo almas aqui,  
nem almas mortas nem vivas;  
ouço somente a distância  
o que parece cantoria.  
Será noventa de santo,  
será algum mês-Maria;  
quem sabe até se uma festa  
ou uma dança não seria?

•

NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA ESTÃO CANTAN-  
DO EXCELENCIAS PARA UM DEFUNTO, ENQUANTO UM  
HOMEM, DO LADO DE FORA, VAI PANDIANDO AS FA-  
LAVIAS DOS CANTADORES

- *Finado Severino,*  
quando passares em Jordão  
e os demónios te alalharem  
perguntando o que é que levas...  
— *Dize que levas cera,*  
cappas e cordão  
mais p' Virgem da Conceição.  
— *Finado Severino,*  
etc...  
— *Dize que levas somente*  
coisas de não:  
fome, sede, privação.  
— *Finado Severino,*  
etc...

- Dize que coisas de não,  
oza, leves;  
como o caixão, que ainda deves.
- Uma excelsioria  
dizendo que a hora é hora.
- Ajunta os carregadores  
que o corpo quer ir embora.
- Dizer excelsiorias...
- ...dizendo é a hora da plantação.
- Ajunta os carregadores...
- ... que a terra vai colher a mão.



CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROM-  
PÊ-LA POR UNS INSTANTES E PROCURAR TRABALHO  
ALI ONDE SE ENCONTRA

- Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,  
e o pouco que não foi morte  
foi de vida severina  
(aquela vida que é menos  
vivida que defendida,  
e é ainda mais severina  
para o homem que retira).  
Penso agora: mas por que  
parar aqui eu não podia  
e como o Capibaribe

interromper minha linha?  
se menos até que as águas  
de uma próxima invernia  
me levem direto ao mar  
ao refazer sua rotina?  
Na verdade, por uns tempos,  
parar aqui eu bem podia  
e retomar a viagem  
quando vencesse a fadiga.  
(Ou será que aqui cortando  
agora a minha descida  
já não poderei seguir  
nunca mais em minha vida?  
(será que a água destes poços  
é toda aqui consumida  
pelas roças, pelos bichos,  
pelo sol com suas línguas?  
será que quando chegar  
o rio da nova invernia  
um resto da água do antigo  
sobrará nos poços ainda?)  
Mas isso depois verei:  
tempo há para que decida;  
primeiro é preciso achar  
um trabalho de que viva.  
Vejo uma mulher na janela,  
ali, que se não é rica,  
parece remediada  
ou dona de sua vida:  
vou saber se de trabalho  
podará me dar notícia.

LEGE-SE A MULHER NA JANELA QUE DEPOIS DESCOBRE-TRATAR-SE DE QUEM SE SABERA

- Muito bom-dia, senhora,  
que dessa janela está;  
sabe dizer se é possível  
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta  
a quem sabe trabalhar;  
o que fazia o compadre  
na sua terra de lá?
- Pois fui sempre lavrador,  
lavrador de terra má;  
não há espécie de terra  
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,  
pouco existe o que lavar;  
mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra  
de terra mesmo pouco há;  
mas até a calva da pedra  
sinto-me capaz de arar.
- Também de pouco adianta,  
nem pedra há aqui que amassar;  
diga-me ainda, compadre,  
que mais fazia por lá?
- Conheço todas as roças  
que nesta chã podem dar:  
o algodão, a mamona,  
a pita, o milho, o cará.

- Essas roçadas e banco  
já não quer financiar;  
mas diga-me, retirante,  
o que mais fazia lá?
- Melhor do que eu ninguém  
sabe combater, quiçá,  
tanta planta de rapina  
que tenho visto por cá.
- Essas plantas de rapina  
são todo o que a terra dá;  
diga-me ainda, compadre,  
que mais fazia por lá?
- Tirei mandioca de chás  
que o vento vive a esfoliar  
e de outras escalavradas  
pela seca falta solar.
- Isto aqui não é Vitória  
nem é Glória do Goitá;  
e além da terra, me diga,  
que mais sabe trabalhar?
- Sei também tratar de gado,  
entre urtigas pastorear:  
gado de comer do chão  
ou de comer ramos no ar.
- Aqui não é Serubim  
nem Ilimociro, oxalá!  
mas diga-me, retirante,  
que mais fazia por lá?
- Em qualquer das cinco tachas  
de um banguê sei cozinhar;  
sei cuidar de uma moenda,  
de uma casa de purgar.

- Com a vinda das usinas  
há poucos engenheiros já;  
nada mais o retirante  
aprendeu a fazer lá?
- Ali ninguém aprendeu  
outro ofício, ou aprenderá;  
mas o sol, de sol a sol,  
bem se aprende a suportar.
- Mas isso então será tudo  
em que sabe trabalhar?  
vamos, diga, retirante,  
outras coisas saberá.
- Deseja mesmo saber  
o que eu fazia por lá?  
comer quando havia o quê  
e, havendo ou não, trabalhar.
- Essa vida por aqui  
é coisa familiar;  
mas diga-me retirante,  
sabe beneditos rezar?  
sabe cantar excelências,  
defuntos encomendar?  
saber tirar ladainhas,  
sabe mortos enterrar?
- Já vieli muitos defuntos,  
na serra é coisa fulgar;  
mas nunca aprendi as rezas,  
sei somente acompanhar.
- Pois se o compadre soubesse  
rezar ou mesmo cantar,  
trabalhávamos a mais,  
que a freguesia bem dá.

- Agora se me permite  
minha vez de perguntar:  
como a senhora, comadre,  
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,  
logo compreenderá:  
como aqui a morte é tanta,  
vive de a morte ajudar.
- E ainda se me permite  
que lhe volte a perguntar:  
é aqui uma profissão  
trabalho tão singular?
- É, sim, uma profissão,  
e a melhor de quantas há:  
sou de toda a região  
retadora titular.
- E ainda se me permite  
mais outra vez indagar:  
é boa essa profissão  
em que a comadre ora está?
- De um raio de muitas léguas  
vem gente aqui me chamar;  
a verdade é que não pode  
queixar-me ainda de azar.
- E se pela última vez  
me permite perguntar:  
não existe outro trabalho  
para mim neste lugar?
- Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem

da morte officio ou bazar.  
Imagine que outra gente  
de profissão similar,  
farmacêuticos, coveiros,  
deutor de anel no anelar,  
remando contra a corrente  
da gente que batia ao mar,  
retirantes às avessas,  
sobem do mar para cá.  
Só os rapados da morte  
compensam aqui cultivar,  
e cultivá-los é fácil:  
simples questão de plantar;  
não se precisa de limpa,  
de adubar nem de regar;  
as estigemas e as pragas  
fazem-nos mais prosperar;  
e dão lucro imediato;  
nem é preciso esperar  
pela colheita: recebe-se  
na hora mesma de semear.

MÉDICA IV (PLANTADOR)

TEXTO IX

O RETIRANTE CHEGA, A ZONA DA MATA, QUE O FAZ  
PENSAR, OUTRA VEZ, EM INTERRUPTER A VIAGEM

— Bem dizem que a terra  
se faz mais branda e macia  
quanto mais do litoral  
a viagem se aproxima.

## MÚSICA IV

### PLANTADOR

QUANTO MAIS EU ANEJO, MAIS VOU ESTRADA  
MAS SE EU NÃO CAMINHAR, EU NÃO SEI É MALDA  
SE TENHO A POEIRA, COMO COMPANHEIRA  
FAÇO DA POEIRA, MEU CAMARADA

EU QUE PLANTEI MUITO E NÃO TENHO MALDA  
DIZ DE MIAM QUE VOU PELA GRANDE ESTRADA  
DEIXEM-NO MORRER, NÃO LHE DÊEM ÁGUA  
QUE ELE É FRIGIDICINO E NÃO PLANTOU MALDA

LETRA: PLANTADOR, 1977

MÚSICA: ZÉ DO BARRIO

RECÊNTO: PLANTADOR, 1977

ÁUDIO: PLANTADOR, 1977, 1978



Agora afinal cheguei  
nessa terra que diziam.  
Como ela é uma terra doce  
para os pés e para a vista.  
Os rios que correm aqui  
têm a água vitalícia.  
Cacimbas por todo lado;  
cavando o chão, água mina.  
Vejo agora que é verdade  
o que pensei ser mentira.  
Quem sabe se nesta terra  
não plantarei minha semente?  
Não tenho medo de terra  
(cavei pedra toda a vida),  
e para quem lutou a braço  
contra a picarra da Castiça  
será fácil amansar  
esta aqui, tão feminina.  
Mas não avisto ninguém,  
só folhas de cana fina;  
somente ali a distância  
aquele boeiro de usina;  
somente naquela várzea  
um banguê velho em ruína.  
Por onde andará a gente  
que tantas canas cultivava?  
Feriando: que nesta terra  
tão fácil, tão doce e rica,  
não é preciso trabalhar  
todas as horas do dia,  
os dias todos do mês,  
os meses todos da vida.

Decerto a gente daqui  
jamaiz envelhece aos trinta  
nem sabe da morte em vida,  
vida em morte, severina;  
e aquele cemitério ali,  
branco na verde colina,  
decerto pouco funciona  
e poucas covas aninha.

ANNISTE AO ENTIERRO DE UM TRABALHADOR DE OITO  
E QUÊ O QUE DIEM DO MOERTO OS AMIGOS QUE O  
LEVARAM AO CEMITÉRIO

- Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.
- É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.
- Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.
- É uma cova grande  
para teu pouco defunto,  
mas estarás mais ancho  
que estavas no mundo.

- É uma cova grande  
para teu defunto parco,  
porém mais que no mundo  
te sentirás largo.
- É uma cova grande  
para tua carne pouca,  
mas à terra dada  
não se abre a boca.
- Viverás, e para sempre,  
na terra que aqui aforas:  
e terás enfim tua roça.
- Ai ficarás para sempre,  
livre do sol e da chuva,  
criando tuas saúvas.
- Agora trabalharás  
só para ti, não a meias,  
como antes em terra alheia.
- Trabalharás uma terra  
da qual, além de senhor,  
serás homem de cito e trator.
- Trabalhando nessa terra,  
tu sozinho tudo empreitas:  
serás semente, adubo, colheita.
- Trabalharás numa terra  
que também te abriga e te veste:  
embora com o brim do Nordeste.
- Será de terra  
tua derradeira camisa:  
te veste, como nunca em vida.

- Será de terra  
a tua melhor camisa:  
te veste e ninguém cobiça.
- Terás de terra  
completo agora e teu fato:  
e pela primeira vez, sapato.
- Como és homem,  
a terra te dará chapéu:  
fosse mulher, xale ou véu.
- Tua roupa melhor  
será de terra e não de fazenda:  
não se rasga nem se remenda.
- Tua roupa melhor  
e te ficará bem cingida:  
como roupa feita à medida.
  
- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu teu suor vendido).
- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu o moço antigo).
- Esse chão te é bem conhecido  
(bebeu tua força de marido).
- Dêsse chão és bem conhecido  
(através de parentes e amigos).
- Dêsse chão és bem conhecido  
(vive com tua mulher, teus filhos).
- Dêsse chão és bem conhecido  
(te espera de recém-nascido).
  
- Não tens mais força contigo:  
deixa-te semear ao comprido.

- Já não levas semente viva:  
teu corpo é a própria maniva.
- Não levas rebolo de cana:  
és o rebolo, e não de caiana.
- Não levas semente na mão:  
és agora o próprio grão.
- Já não tens força na perna:  
deixa-te semear na coveta.
- Já não tens força na mão:  
deixa-te semear no leirão.
  
- Dentro da rede não vinha nada,  
só tua espiga debulhada.
- Dentro da rede vinha tudo,  
só tua espiga no sabugo.
- Dentro da rede coisa vasqueira,  
só a maçaroca bangueta.
- Dentro da rede coisa pouca,  
tua vida que deu sem seca.
  
- Na mão direita um rosário,  
milho negro e ressecado.
- Na mão direita semente  
o rosário, seca semente.
- Na mão direita, de cima,  
o rosário, semente maninha.
- Na mão direita o rosário,  
semente inerte e sem salto.
  
- Despido viste no caixão,  
despido também se enterra o grão.
- De tanto te despia a privação  
que escapou de teu peito a viração.

- Tanta coisa despiste em vida  
que fugiu de teu peito a brisa.
- E agora, se abre o chão e te abriga,  
lençol que não tiveste em vida.
- Se abre o chão e te fecha,  
dando-te agora cama e cobertura.
- Se abre o chão e te envolve,  
como mulher com quem se dorme.

MÚSICA V. (RETIRANTE)

RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA  
CHEGAR LOGO AO RECIFE

- Nunca esperei muita coisa,  
digo a Vozes Senhorias.  
O que me fez retirar  
não foi a grande cobiça;  
o que apenas busquei  
foi defender minha vida  
da tal velhice que chega  
antes de se inteirar trinta;  
se na serra vivi vinte,  
se alcancei lá tal medida,  
o que pensei, retirando,  
foi entendê-la um pouco ainda.  
Mas não senti diferença  
entre o Agreste e a Caatinga,  
e entre a Caatinga e aqui a Mata  
a diferença é a mais mínima.



Está apenas em que a terra  
é por aqui mais macia;  
está apenas no pavio,  
ou melhor, na lamparina:  
pois é igual o querosene  
que em toda parte ilumina,  
e quer nesta terra gorda  
quer na terra, de calça,  
a vida arde sempre com  
a mesma chama mortíça.  
Agora é que compreendo  
por que em paragens tão ricas  
o rio não corta em poços  
como ele faz na Castinga:  
vive a fugir dos remanesco,  
a que a paisagem o convida,  
com medo de se delatar,  
grande que seja a fadiga.  
Sim, o melhor é apressar  
o fim desta ladainha,  
fim do rosário de nomes  
que a linha do rio enfia;  
é chegar logo ao Recife,  
derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira  
invocação da ladainha,  
Recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se fina.



CHEGANDO AO RECIFE, O RETIRANTE SENTA-SE PARA  
DESCANSAR AO PÉ DE UM MURO ALTO E CALADO E OUYE,  
SEM SER NOTIADO, A CONVERSA DE DOIS COVEINOS

- O dia de hoje está difícil;  
não sei onde vamos parar.  
Deviam dar um aumento,  
ao menos aos deste senhor de cá.  
As avenidas do centro são melhores,  
mas são para os protegidos:  
há sempre menos trabalho  
e gorjetas pelo serviço;  
e é mais numeroso o pessoal  
(toma mais tempo enterrar os ricos).
- Pois eu me daria por contente  
se me mandassem para cá.  
Se trabalhasse no de Casa Amarela  
não estaria a reclamar.  
De trabalhar no de Santo Amaro  
deve alegrar-se o colega  
porque parece que a gente  
que se enterra no de Casa Amarela  
está decidida a mudar-se  
toda para debaixo da terra.
- É que o colega ainda não viu  
o movimento: não é o que vê.  
Fique-se por aí um momento  
e não tardarão a aparecer  
os defuntos que ainda hoje  
vão chegar (ou partir, não sei).  
As avenidas do centro,

onde se enterram os ricos,  
são como o porto de mar:  
não é muito ali o serviço:  
no máximo um transatlântico  
chega aí cada dia,  
com muita pompa, protocolo,  
e ainda mais cenografia.

Mas este setor de cá  
é como a estação dos trens:  
diversas vezes por dia  
chega o comboio de alguém.

- Mas se teu setor é comparado  
à estação central dos trens,  
o que dizer de Casa Amarela  
onde não pára o vaivém?  
Pode ser uma estação  
mas não estação de trem:  
será parada de ônibus,  
com filas de mais de cem.

- Então por que não pedes,  
já que és de carreira, e antigo,  
que te mandem para Santo Amaro  
se achas mais leve o serviço?  
Não creio que te mandassem  
para as belas avenidas  
onde estão os endereços  
e o bairro da gente fina:  
isto é, para o bairro dos usineiros,  
dos políticos, dos banqueiros,  
e no tempo antigo, dos banqueiros  
(hoje estes se enterram em carneiros);  
bairro também dos industriais,

dos membros das associações patronais  
e dos que foram mais horizontais  
nas profissões liberais.

Difícil é que consiga  
aquele bairro, logo de saída.

- Só pedi que me mandassem  
para as urbanizações discretas,  
com seus quarteirões apertados,  
com suas cômodas de pedra.
- Esse é o bairro dos funcionários,  
inclusive extranumerários,  
contratados e mensalistas  
(menos os tarifeiros e diaristas).  
Para lá vão os jornalistas,  
os escritores, os artistas;  
ali vão também os bancários,  
as altas patentes dos comerciários,  
os lojistas, os boticários,  
os localizados aeroviários  
e os de profissões liberais  
que não se liberaram jamais.
- Também um bairro dessa gente  
temo no de Casa Amarela:  
cada um em seu escaninho,  
cada um em sua gaveta,  
com o nome aberto na lousa  
quase sempre em letras pretas.  
Raras as letras douradas,  
raras também as gorjetas.
- Gorjetas aqui, também,  
só dá mesmo a gente rica,  
em cujo bairro não se pode

- trabalhar em mangas de camisa;  
onde se exige quepe  
e farda engomada e limpa.
- Mas não foi pelas gorjetas, não,  
que vim pedir remoção:  
é porque tem menos trabalho  
que quero vir para Santo Amaro;  
aquí ao menos há mais gente  
para atender a freguesia,  
para botar a caixa cheia  
dentro da caixa vazia.
- E que disse o Administrador,  
se é que te deu ouvido?
- Que quando apareça a ocasião  
atenderá meu pedido.
- E do senhor Administrador  
isso foi tudo que arrancaste?
- No de Casa Amarela me deixou  
mas me mudou de arrabalde.
- E onde vais trabalhar agora,  
qual o subúrbio que te cabe?
- Passo para o dos industriários,  
que é também o dos ferroviários,  
de todos os rodoviários  
e praças-de-pré dos comerciários.
- Passas para o dos operários,  
deixas o dos pobres vários;  
melhor: são tão contagiosos  
e são muito menos numerosos.
- É, deixo o subúrbio dos indigentes  
onde se enterra toda essa gente

que o fio adoga na preamar  
e sufoca na baixa-mar.

- É a gente sem instituta,  
gente de braços desvolutos;  
são os que jamais usam luto  
e se enterram sem salvo-conduto.
- É a gente dos enterros gratuitos  
e dos defuntos ininterruptos.
- É a gente retirante  
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo e barbante  
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar,  
não têm mais o que esperar.
- Não podem continuar  
pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar  
e muito menos onde morar.
- E da maneira em que está  
não vão ter onde se enterrar.
- Eu também, antigamente,  
fui do subúrbio dos indigentes,  
e uma coisa notei  
que jamais entenderei:  
essa gente do Sertão  
que desce para o litoral, sem razão,  
fica vivendo no meio da lama,  
comendo os siris que spanha;  
pois bem; quando sua morte chega,  
temos de enterrá-los em terra seca.

- Na verdade, seria mais rápido  
e também muito mais barato  
que os sacudissem de qualquer ponte  
dentro do rio e da morte.
- O rio daria a mortalha  
e até um macio caixão de água;  
e também o acompanhamento  
que levaria com passo lento  
o defunto ao enterro final  
a ser feito no mar de sal.
- E não precisava dinheiro,  
e não precisava coveteiro,  
e não precisava oração  
e não precisava inscrição.
- Mas o que se vê não é isso:  
é sempre nesse serviço  
crescendo mais cada dia;  
morre gente que nem vivia.
- E esse povo lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba,  
que vem buscar ao Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só, aqui chegando  
cemitérios esperando.
- Não é viagem o que fazem,  
vindo por essas castingas, vargens;  
al está o seu erro:  
vêm é seguindo seu próprio enterro.

O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO  
CAPINARIBE

— Nunca esperei muita coisa,  
é preciso que eu repita.  
Sabia que no rosário  
de cidades e de vilas,  
e mesmo aqui no Recife  
ao acabar minha descida,  
não seria diferente  
a vida de cada dia:  
que sempre pás e enxada,  
foices de corte e capina,  
ferros de cova, estrovengas  
o meu braço esperariam.  
Mas que se fize não mudasse  
seu uso de toda vida,  
esperei, devo dizer,  
que ao menos aumentaria  
na quartinha, a água pouca,  
dentro da cuia, a farinha,  
o algodãozinho da camisa,  
ou meu aluguel com a vida.  
E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu faria,  
sem saber desde o Serião,  
meu próprio entêrro eu seguia.  
Só que devo ter chegado  
adiantado de uns dias;  
o entêrro espera na porta:  
o morto ainda está com vida.  
A solução é apressar

— a morte a que se decida  
e pedir a este rio;  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia;  
caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida,  
coroa de baronesa  
junto com-flores de aninga,  
e aquele acompanhamento  
de água que sempre desfila  
(que o rio, aqui no Recife,  
não seca, vai toda a vida).

•

APROXIMA-SE DO RETIRANTE O MORADOR DE UM DOS  
MOCAMBOS QUE EXISTEM ENTRE O CAIS E A ÁGUA  
DO RIO

— Seu José, mestre carpina,  
que habita este lamaçal,  
sabe me dizer se o rio  
a esta altura dá vau?  
sabe me dizer se é funda  
esta água grossa e carnal?  
— Severino, retirante,  
jamais o cruzei a nado;  
quando a maré está cheia  
veja passar muitos barcos,  
barcaças, alvarengas,  
muitas de grande calado.

- Seu José, mestre carpina,  
para cobrir corpo de homem  
não é preciso muita água;  
basta que chegue ao abdome,  
basta que tenha fundura  
igual à de sua fome.
- Severino, retirante,  
pois não sei o que lhe conte;  
sempre que cruzo este rio  
costumo tomar a ponte;  
quanto ao vazio do estômago,  
se cruza quando se come.
- Seu José, mestre carpina,  
e quando ponte não há?  
quando os vazios da fome  
não se tem com que cruzar?  
quando esses rios sem água  
são grandes braços de mar?
- Severino, retirante,  
o meu amigo é bem moço;  
sei que a moédia é mar largo,  
não é como qualquer poço:  
mas sei que para cruzá-la  
vale bem qualquer esforço.
- Seu José, mestre carpina,  
e quando é fundo o perau?  
quando a força que morreu  
tem tem onde se enterrar,  
por que ao puxão das águas  
não é melhor se entregar?
- Severino, retirante,  
o mar de nossa conversa

precisa ser combatido,  
sempre, de qualquer maneira,  
porque senão ele alaga  
e devasta a terra inteira.

— Seu José, mestre carpina,  
e em que nos faz diferença  
que como fricira se alastre,  
ou como rio na cheia,  
se acabamos naufragados  
num braço de mar miséria?

— Severino, retirante,  
muita diferença faz  
entre lutar com as mãos  
e abandoná-las para trás,  
porque ao menos esse mar  
não pode adiantar-se mais.

— Seu José, mestre carpina,  
e que diferença faz  
que esse oceano vazio  
cresça ou não seus cubedais,  
se nenhuma ponte mesmo  
é de vencê-lo tapar?  
Seu José, mestre carpina,  
que lhe pergunte permita:  
há muito no lameçal  
apodrece a sua vida?  
e a vida que tem vivido  
foi sempre comprada à vista?

— Severino, retirante,  
seu de Nazaré da Mata,  
mas tanto lá como aqui  
jamais me fizeram nada:

- a vida de cada dia  
 cada dia hei de comprá-la.
- Seu José, mestre carpina,  
 e que interesse, me diga,  
 há nessa vida a retalho  
 que é cada dia adquirida?  
 espera poder um dia  
 comprá-la em grandes partidas?
- Severino, retirante,  
 não sei bem o que lhe diga:  
 não é que espere comprar  
 em grosso de tais partidas,  
 mas o que compro a retalho  
 é, de qualquer forma, vida.
- Seu José, mestre carpina,  
 que diferença faria  
 se em vez de continuar  
 tomasse a melhor saída:  
 a de saltar, numa noite,  
 fora da ponte e da vida?

UMA MULHER DA PORTA DE ONDE SAIU O HOMEM.  
 ANUNCIA-LHE O QUE SE VERÁ

- Compadre José, compadre,  
 que na relva estais deitado:  
 conversais e não sabeis  
 que vossa filha é chegada?  
 Estais aí conversando  
 em vossa peona entredida:

não sabeis que vosso filho  
saltou para dentro da vida?  
Saltou para dentro da vida  
ao dar seu primeiro grito;  
e estais aí conversando;  
pois sabeis que ele é nascido.

APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA DO HOMEM  
VIZINHOS, AMIGOS, BOMAS CIGANAS ETC.

- Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor.  
Foi por ele que a maré  
esta noite não baixou.
- Foi por ele que a maré  
fez parar o seu motor:  
a lama ficou coberta  
e o mau-cheiro não votou.
- E a alfazema do sargaço,  
ácida, desinfetante,  
veio varrer nossas ruas  
enviada do mar distante.
- E a língua seca de esponja  
que tem o vento terral  
veio enxugar a umidade  
do encharcado lamaçal.
- Todo o céu e a terra  
lhe cantam louvor

e cada casa se torna  
num mocambo sedutor.

— Cada casbre se torna  
no mocambo modelar  
que tanto celebram os  
sociólogos de lugar.

— E a banda de marujos  
que toda noite se ouvia  
por causa dele, esta noite,  
creio que não irradia.

— É este rio de água cega,  
ou baça, de comer terra,  
que jamais espelha o céu,  
hoje enfeitou-se de estrelas.

#### TERÇO I

#### TERÇO II

### COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-NASCIDO

— Minha pobreza tal é  
que não trago presente grande:  
trago para a mãe caranguejos  
pescados por esses mangues;  
mamando leite de lama  
conservará nosso sangue.

— Minha pobreza tal é  
que coisa não posso ofertar:  
somente o leite que lecho  
para meu filho amamentar;  
aqui são todos irmãos,  
de leite, de lama, de ar.

## TEXTO V

CONHEÇO TODA A GENTE  
QUE DESÁGUA NESTES ALAGADOS,  
NÃO ESTÃO NO NÍVEL DA LAMA E DO PANTANO,  
GENTE DE OLHO PERDIDO  
OLHANDO-ME SEMPRE PASSAR  
COMO SE EU FOSSE TREM  
OU CARRO DE VIAJAR.  
É GENTE QUE SEMPRE ME OLHA  
DESDE O SERTÃO DO JACARAÁ,  
GENTE QUE SEMPRE ME OLHA  
COMO SE, DE TANTO ME OLHAR,  
EU PUDESSE O MILAGRE  
DE, UM DIA AINDA POR CHEGAR,  
LEVAR TODOS COMIGO,  
RETRANTES PARA O MAR.

## TEXTO VI

CASAS DE LAMA NEGRA  
HÁ PLANTADAS POR ESSAS ILHAS  
(NA ENCHENTE DA MARE  
ELAS NAVEGAM COMO ILHAS);  
CASAS DE LAMA NEGRA  
DAQUELA CIDADE ANTIGA  
QUE EXISTE POR DEBAIXO  
DO RECFE CANTADO EM GUIAS,  
NELA DESÁGUA A GENTE  
COMO NO MAR DESÁGUAM RIOS;  
QUE DE LONGE ENSETO  
EM MINHA COMPANHIA,  
NELA DESÁGUA A GENTE  
EM EXISTÊNCIA IMPRECISA,  
NO SEU CHÃO DE LAMA  
ENTRE ÁGUA E TERRA INDECISA.

que grande coisa são aquelas

ilhas que navegam no mar

que são aquelas que são

ilhas que são

que são aquelas que são

- Minha pobreza tal é  
que não tenho presente melhor:  
trago papel de jornal  
para lhe servir de cobertor;  
cobrindo-se assim de letras  
vai um dia ser doutor.
- Minha pobreza tal é  
que não tenho presente caro:  
como não posso trazer  
um elbo-d'água de Lagoa do Carro,  
trago aqui água de Olinda,  
água da bica do Rosário.
- Minha pobreza tal é  
que grande coisa não trago:  
trago este canário-da-terra  
que canta corrido e de estalo.
- Minha pobreza tal é  
que minha oferta não é rica:  
trago daquela bolacha-d'água  
que só em Paudalho se fabrica.
- Minha pobreza tal é  
que melhor presente não tem:  
dou este boneco de barro  
de Severino de Tracunhaém.
- Minha pobreza tal é  
que pouco tenho e que dar:  
dou da pita que o pintor Monteiro  
fabricava em Gravatá.
- Trago abacaxi de Goiana  
e de todo o Estado rolete de cana.

- Eis ostras chegadas agora,  
apanhadas no cais da Aurora.
- Eis tamarindos da Jaqueira  
e jaca da Tamarineira.
- Mangabas do Cajueiro  
e cajuás da Mangabeira.
- Peixe pescado no Passarinho,  
carne de boi dos Peixinhos.
- Sirtis apanhados no lamaçal  
que há no avesso da rua Imperial.
- Mangas compradas nos quintais ricos  
do Espinheiro e dos Afritos.
- Goiamentos dados pela gente pobre  
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

•

#### ALAS AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS

- Atenção peço, senhoras,  
para esta breve leitura:  
somos ciganas do Egito,  
lemos a sorte futura.  
Vou dizer todas as coisas  
que desde já posso ver  
na vida desse menino  
acabado de nascer:  
aprenderá a engatinhar  
por aí, com aratus,  
aprenderá a caminhar  
na lama, com goiamentos,

e a correr e ensinarão  
os anfíbios caranguejos,  
pele que será anfíbio  
como a gente daqui mesmo.  
Cedo aprenderá a caçar:  
primeiro, com as galinhas,  
que é catando pelo chão  
tudo o que cheira a comida;  
depois, aprenderá com  
outras espécies de bichos:  
com os porcos nos monturos,  
com os cachorros no lixo.  
Vejo-o, uns anos mais tarde,  
na Ilha do Maruim,  
vestido negro de lama,  
voltar de pescar siris;  
e vejo-o, ainda maior,  
pele imenso lamarão  
fazendo dos dedos iscas  
para pescar camarão.

— Atenção peço, senhores,  
também para minha leitura:  
também venho dos Egípcos,  
vou completar a figura.  
Outras coisas que estou vendo  
é necessário que eu diga:  
não ficarei a pescar  
de jereré toda a vida.  
Minha amiga se esqueceu  
de dizer todas as linhas;

Não pensem que a vida dele  
há de ser sempre daninha.  
Enxerço daqui a planura  
que é a vida do homem de ofício,  
bem, mais sadia que os mangues,  
tenha embora precipícios.  
Não o vejo dentro dos mangues,  
vejo-o dentro de uma fábrica:  
se está negro não é lama,  
é graxa de sua máquina,  
coisa mais limpa que a lama  
do pescador de maré  
que vemos aqui, vestido  
de lama da cara ao pé.  
É mais: para que não pensem  
que em sua vida tudo é triste,  
vejo coisa que o trabalho  
talvez até lhe conquiste:  
que é mudar-se destes mangues  
daqui do Capibaribe  
para um mocambo melhor  
nos mangues do Beberibe.

CHAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM  
COM PRESENTES ETC.

— De sua formosura  
já venho dizer:  
é um menino magro,

de muito peso não é,  
mas tem o peso de homem,  
de obra de ventre de mulher.

— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é uma criança pálida,  
é uma criança francisa,  
mas tem a marca de homem,  
marca de humana oficina.

— Sua formosura  
deixai-me que cante:  
é um menino guente  
como todos os deuses mangues,  
mas a máquina de homem  
já bate nele incessante.

— Sua formosura  
eis aqui descrita:  
é uma criança pequena,  
enclenque e setemsexinha,  
mas as mãos que criam coisas  
nas suas já se adivinha.

— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é belo como o coqueiro  
que vence a areia marinha.

— De sua formosura  
deixai-me que diga:  
beio como o avelós  
contra o Agreste de cinza.

- De sua formosura  
deixai-me que diga:  
bela como a palmatória  
na caatinga sem saliva.
- De sua formosura  
deixai-me que diga:  
é tão-bela como um sim  
numa sala negativa.
- É tão belo como a boca  
que o carnaval multiplica.
- Belo porque é uma porta  
abrindo-se em mais saídas.
- Belo como a última onda  
que o fim do mar sempre adia.
- É tão belo como as ondas  
em sua adição infinita.
- Belo porque tem do novo  
a surpresa e a alegria.
- Belo como a coisa nova  
na prateleira até então varia.
- Como qualquer coisa nova  
inaugurando o seu dia.
- Ou como o caderno novo  
quando a gente o principia.
- E belo porque com o novo  
todo o velho contagia.
- Belo porque corretempe  
com sangue novo a atemia.

## MÚSICA

### DE SUA FORMOSURA

DE SUA FORMOSURA  
DEIXA-ME QUE DIGA:  
É BELO COMO O CONQUEIRO  
QUA VENDE A ARDA MARINHA

BELO COMO A ÚLTIMA ONDA  
QUE O FIM DO MAR SEMPRE ADIA  
É TÃO BELO COMO UM SIM  
NUMA SALA NEGATIVA

DE SUA FORMOSURA  
DEIXA-ME QUE DIGA:  
É TÃO BELO COMO UM SIM  
NUMA SALA NEGATIVA

BELO PORQUE É UMA PONTA  
ABRINDO-SE EM MAIS SAÍDAS  
BELO COMO A COISA NOVA  
NA PRATELEIRA VAZIA

DE SUA FORMOSURA  
DEIXA-ME QUE DIGA:  
BELO COMO A COISA NOVA  
NA PRATELEIRA VAZIA

BELO COM A COISA NOVA  
INAUGURANDO SEU DIA  
OU COMO CAIDENDO NOVO  
QUANDO A GENTE PRINCÍPIA.

- Infeciona a miséria  
com vida nova e tudia.
- Com oásis, o deserto,  
com ventos, a calmaria.

MÚSICA VII (CORBA, 1911-1912)

EPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE  
FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA

- Severino, retirante,  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga.  
É difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
essa que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva;  
e não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfilar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica.

## MÚSICA VII

### FUMBA MEU BOM

MEU VAQUEIRO TU TANGES BOMBAIA

E ABOLA PRO GADNO PRIMEIRO?

MEU VAQUEIRO TU TANGES BOMBAIA

E ABOLA PRO MEU GADNO PRIMEIRO?

LÁ VAI BOM, LÁ VAI BOM, LÁ VAI BOM

SACREMA VISITAR MEU TERRERO?

BOM, BOM, BOM

OH, TEM UMA ESTRELA NA TESTA

É OBRA DA NATUREZA

DANÇA MEU BOM, VEM DANÇAR NESTE TERRERO

MEU NOVELINO É BRASILEIRO.

vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a ocorrida;  
mesmo quando é uma explosão  
como a de há pouco, fraccina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida severina.

TERMO VII

## TEXTO VII-

VOU NA MESMA ESTRADA  
REDUZIDA A SUA PEDRA  
A VIDA VESTE AINDA SUA MAIS DURA PELE  
SÓ QUE AQUI HÁ MAIS HOMENS  
PARA VENCER TANTAS PEDRAS  
PARA AMASSAR COM O SANGUE  
OS OSSOS DUREZ DESSA TERRA  
SE AQUI HÁ MAIS HOMENS,  
ELES MELHORE CONHECEM  
COMO OBRIGAR O CHÃO COM  
PLANTAS QUE COMEM PEDRA  
HÁ AQUI HOMENS, MAIS HOMENS  
QUE EM SUA LUTA CONTRA A PEDRA  
SABEM COMO SE ARMAAR COM  
AS QUALIDADES DA PEDRA.